



## CEMITÉRIO DOS INGLÊSES

**P**ELO TRATADO de Amizade e Comércio, assinado nesta cidade do Rio de Janeiro a 19 de fevereiro de 1810, “entre Mim, D. João, por graça de Deus, Príncipe Regente de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar, em África Senhor da Guiné, da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia, etc. e o Sereníssimo e Potentíssimo Príncipe Jorge III, Rei do Reino Unido da Grande Bretanha e de Irlanda, Meu Bom Irmão e Primo”, naquele ato representado pelo “Muito Honrado Percy Clinton Sydney, Lord Visconde e Barão de Strangford, do Conselho de Sua dita Majestade, Seu Conselheiro Privado, Cavaleiro da Ordem Militar do Banho, Grã-Cruz da Tôrre e Espada, e Seu Enviado Extraordinário e Ministro Ple-



nipotenciário nesta Côrte" — tratado êsse confirmado, aprovado e ratificado pela Carta da Lei de 26 do mesmo mês e ano — foi oficialmente permitido "o enterramento dos vassallos de Sua Majestade Britânica, que morressem nos territórios de Sua Alteza Real o Príncipe Regente de Portugal, em convenientes lugares, que seriam designados para êste fim, não se perturbando, de modo algum, por qualquer motivo, os funerais ou as sepulturas dos mortos".

Assim surgiu o "British Burial Ground", geralmente conhecido pelo nome de Cemitério dos Ingêleses.

Situado na antiga praia da Gamboa (hoje rua da Gamboa n.º 181), na encosta do morro do mesmo nome, é o cemitério mais velho da cidade. O lugar chamava-se, antigamente, "Forno da Cal", e bem perto dali ficava o ponto de desembarque dos escravos procedentes de Angola.

O campo santo dava frente para uma pequena enseada — o Saco da Gamboa — cujo nome se origina do fato de os pescadores fazerem ali gamboas ou aceiros para apanhar peixe. As águas dessa enseada tinham três a quatro pés de profundidade, fornecendo grande quantidade de conchas, que eram recolhidas, a fim de serem transformadas em cal. Daí a denominação "Forno da Cal".

O cemitério ocupa a antiga chácara que o Príncipe Regente D. João (depois D. João VI) havia mandado comprar por Aviso de 24 de dezembro de 1808 aos herdeiros de Simão Martins de Castro, pela quantia de 1:600\$000, passando-se a escritura e se incorporando aos bens da Coroa, no dia 2 de janeiro do ano seguinte.

Assinado o Tratado de Amizade, D. João cedeu êsse terreno para repouso eterno dos membros da Igreja Anglicana.

Maria Graham, no seu "Diário de uma viagem ao Brasil", assim descreve a visita que fez a êsse campo santo, no dia 29 de setembro de 1823: "Fui hoje a cavalo ao cemitério protestante, na praia da Gamboa, que julgo um dos lugares mais deliciosos que jamais contemplei, dominando lindo panorama, em tôdas as direções. Inclina-se gradualmente para a estrada, ao longo da praia. No ponto mais alto há um belo edifício constituído por três peças: uma serve de lugar de reunião ou, às vêzes, de espera para o pastor; uma de depósito para a decoração fúnebre do túmulo; e a maior, que fica entre os dois, é geralmente ocupada pelo corpo durante as poucas horas (pode ser um dia e uma noite), que nêste clima podem decorrer entre a morte e o entêrro. Em frente do edifício ficam as várias sepulturas e os vãos monumentos que erguemos para relevar nossa própria tristeza. Entre êstes e a estrada, algumas árvores magníficas".

A gravura é do Barão de Planitz (1840), reproduzida da "Coleção Cidade do Rio de Janeiro", publicada pela Biblioteca Municipal. Notam-se a pequena enseada e o cais de desembarque dos cadáveres dos súditos britânicos que morriam a bordo dos navios.

O primeiro enterramento oficial, constante dos registros do "British Burial Ground", data de 15 de janeiro de 1811.